



Há música no hospital

“É tão bom! Faz-nos bem à alma”, diz uma enfermeira. “Distrai e deixa a bebé bem-disposta”, acrescenta uma mãe. A música é para relaxar e não para curar, mas tranquiliza quem a ouve, mesmo com dores. *Por Enric Vives-Rubio (fotos) e Bárbara Wong (texto)*



Chegam, pé ante pé. José Oliveira dedilha na viola e Ana Paula Góis empurra um carrinho azul cheio de pequenos instrumentos de percussão e de sopro. São dois músicos e o cenário é o corredor das urgências pediátricas do Hospital Garcia de Orta (HGO), em Almada. “Esta é que era a moda que a Rita cantava, lá na Praia Grande, olaré, ninguém lhe

ganhava.” Os pequenos Martin e Vicente são surpreendidos. Duas vezes por semana, a Associação Portuguesa de Música nos Hospitais e Instituições de Solidariedade percorre o serviço de pediatria. Também os doutores-palhaços da Operação Nariz Vermelho ali vão semanalmente. Hoje, em Lisboa, a Fundação EDP

assina um protocolo com as duas associações para que prossigam o seu trabalho de humanização dos ambientes hospitalares. Ao longo de três anos, a fundação vai distribuir 450 mil euros, para formar mais profissionais e alargar a rede de instituições onde intervêm. “Fui ao jardim da Celeste”, cantam Ana e José. Vicente,

de um ano, ouve muito atento. Martin, de dois anos e meio, está ansioso, vai levar uma injeção. É chamado pela enfermeira e a porta da sala de tratamentos fecha-se atrás dele e do pai. Vicente mantém-se impávido, mesmo quando ouve o irmão chorar, do outro lado da porta. A mãe vai baluçando a perna, onde o bebé está sentado, ao

ritmo das canções. O objectivo da música não é fazer terapia, mas entreter. É a resposta à necessidade de tornar as instituições mais “quentes”, explica Pedro Santos, da associação. Outra das metas é “criar relação”, acrescenta. Pode não ser terapêutico, mas Pedro Santos reconhece que “tem efeitos positivos”. “Tranquiliza

